

SÁBADO, 18 DE AGOSTO DE 2007

Breu: Novo espetáculo do Corpo é intenso, passando rápido como um raio

Estranhamento e fricção num caldeirão de referências urbanas

Divulgação/José Luiz Pederneiras



BAILARINOS DO CORPO em cena de "Breu": massa que pulsa, explode e retorna exausta ao chão

Silvia Soter

DANÇA CRÍTICA

Como manda a tradição, o público carioca recebe no inverno a esperada visita do Grupo Corpo. A cada dois anos, essa curiosidade aumenta pela expectativa de uma nova criação. Este ano, a trilha sonora — sempre o chão onde Rodrigo Pederneiras e sua equipe alicerçam suas peças — é composta pelo pernambucano pop Lenine. "Breu" é feito de sombras, do jogo entre o preto e o branco, de tensão e de quedas. O cenário e a iluminação de Paulo Pederneiras criam um ambiente ladrilhado em negro, cujas paredes são continuadas pelo piso que brilha, reflete e distorce a pouca luz que incide em cena. Os figurinos de Freusa Zechmeister criam, através de grafismos, a gradação entre o preto e o branco, e conseguem fazer com que os corpos dos bailarinos ora se destaquem, ora se confundam com o chão que os atrai a maior parte do tempo da coreografia.

Ao trazer uma peça antiga para abrir a noite, anteceden-

do a nova criação, Rodrigo Pederneiras mostra o quanto sua escrita se desenvolve sem perder seus traços absolutamente particulares. A idéia de um repertório que é sempre atualizado e inevitavelmente modificado ao ser combinado com o que ele acaba de criar faz com que cada nova peça seja colocada numa estrada de mão dupla, que pode ser percorrida do passado para o futuro, ou no outro sentido.

Contraste com a peça que abre o programa

Desta vez, "Sete ou oito peças para um ballet", coreografia criada em 1994 e deixada em repouso pela companhia desde 1999, serve para dar ainda mais visibilidade ao contraste e à tensão de "Breu". A estrutura de variações a partir de uma partitura repetitiva — proposta pela trilha de Phillip Glass e Uakti — traz já em "Sete ou oito peças para um ballet" um corpo autômato que vai ganhando o gingado de Pederneiras, em momentos de quase descontrole. As cores da bandeira brasileira são aos poucos acrescidas pelo terra e pelo roxo dos figurinos.

Em "Breu", a dança de Pederneiras vira mais uma curva. A depuração das linhas, a fluidez de entradas e de saídas de cena, a brasilidade impressa nos quadris e nos troncos ganham novos contornos nesta peça. As linhas se amalgamam, e o grupo se transforma em massa, uma massa quase sempre disforme, que pulsa, explode e retorna exausta ao chão, muitas vezes com violência. Os corpos se atraem e se repelem também nos duos. O país colorido e brejeiro de várias peças da companhia é invadido por um Brasil mais urbano, competitivo, parte de um mundo-caldeirão de referências e ritmos, sublinhado pela música de Lenine. Tem frevo dançado no chão, tem hard rock e caboclinho. Tem rebolado, silêncio e impacto de corpos.

Na fusão da luz com a escuridão, "Breu" é intenso, e seus 40 minutos passam rápido como um raio. Pederneiras cria estranhamento e fricção; adultera o que já havia feito antes, lança-se um novo desafio e traduz tudo isso em dança, com a competência e a criatividade de sempre. ■